

# FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

**ROCHA MARTINS**

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440 - C.

## O Yacht do sybarita

Transformação dum barco e dum homem — As explorações oceanograficas do rei — As explorações dos impostos por um presidente — O "Amélia", e o seu alcunha — Os Destinos e acasos

Ha vinte anos, aí por março, embarquei no Yacht real *Amélia* para, a convite de el-rei D. Carlos, transmitido por Alberto Girard, assistir a uma das explorações oceanograficas. Eu contava, então, pouco mais de vinte e um e iniciara a direcção da *Ilustração Portuguesa*, de grande formato, na qual ficaria bem o artigo que, finalmente, se fez sobre o museu real. Guardo dessa viagem, no barco de nomeada universal, tanto como o do principe de Monaco, e dessa estada na quadra scientifica, nas Necessidades, duas recordações singulares da bonhomia do soberano: um livro *Catarine II Imperatrice*, que me foi oferecido e a nitida visão duma scena de pasmo do senhor D. Manuel ante o mais raro exemplar de creado que eu introduzi no paço, carregando com a pesada maquina fotografica do Salgado, e que parecia um autentico chimpanzé.

Por essa casa, cuja fama tanto preocupava as sociedades sabias, os naturalistas mundiais passavam com admiração e os trabalhos feitos no naviosinho mereciam os louvores dos cientistas.

Foi o barco do trabalho e tambem da distração porque nas suas campanhas oceanograficas o monarca encontrava o refugio para os dissabores da politica e quando os jornais republicanos o acusavam de pandegar, distante das costas do seu reino, ele, como um homem sapiente, procurava ainda ser util ao país creando em volta do nome de

D. Carlos de Bragança a aureola de seus conhecimentos, transmitidos ás academias com as descrições dos rarissimos exemplares das diversas profundidades aquaticas e sua catalogação,

O *Amelia* foi tambem o transporte que conduziu à terra inglesa de Gibraltar o filho daquele rei assassinado, tanto à traição, que nem poude ele defender-se, o singular atirador, que, naquele mesmo real museu, guardava embalsamado, um lobo morto pela sua espingarda e cuja cabeça, entre os olhos, guardava a cicatriz da bala real que o destruiu. Se teem atacado D. Carlos pela frente o caçador teria defendido o monarca. Como repugna esse regicidio de traição!

A republica crismou, em 5 de Outubro o yacht das rebuscas regias do fundo do oceano; atulhou uma vez, aí por 1911, o seu porão com operarios apanhados na Casa Sindical, da rua Formosa, como se fossem criminosos colhidos numa cilada e ainda vejo—porque assisti da janela do *Seculo* ao cêrco—o sr. Helder Ribeiro, actual ministro da instrução—ao lado duma peça assestada para o edificio obreiro.

Partiram entre baionetas, os sindicalistas; conta-se que alguns dos conduzidos para o barco, alcunhado com a data celebrada da vitória republicana, cantaram nos seus porões, a *Internacional* e como se o seu éco apagasse tudo quanto de realengo ainda podia ter ficado naquele ambito, os dirigentes rejubilaram.

Mas sem duvida a grande epoca que illustrou o yacht foi a da viagem de intuitos scientificos, as suas passagens pelas aguas do oceano, os seus estadios em Lagos emquanto não ganhava o mar alto.

Por aquella epoca um algarvio fantasiasta, como a maior parte dos seus conterraneos, via passar o branco dorso da embarcação, olhava o fumo que se desenrolava do cano e o pavilhão azul e branco de seu mastro e quedava-se a sonhar nalguma raparigona de seios turgidos, alapada por detraz dos rochedos, à espera de mergulhar sensualmente nas aguas azuis, e que ele descreveria nas páginas afrodisiacas dos seus livros então a penetrarem a custo no mercado literario.

Esse algarvio, apesar de todas as suas fantasias, sonhos e invenções, fradiquismos e ambiciosos devaneios mal podia imaginar como o seu destino o chamaria um dia para bordo daquele naviosinho onde viajava, ha vinte anos, pelas costas do sul do país, o rei de Portugal.

À sombra das figueiras vendo o mulhero colher os figos, vigiando o seu prensado, o fechar das caixas para exportação, com suas folhinhas espalmadas, reparando na rapidez do fabrico da empreita para as ceiras e pensando nas contingencias dos preços nas praças estrangeiras, aquele negociante, filho e neto de mercantes—a-pesar-de correr por aí uma legenda de Wagram, de Waterloo, sem provas tiradas de arquivos—mal podia conceber que um dia se falaria a seu respeito e daquele yacht de sciencia no qual viajava um Bragança.

É certo que também lady Hamilton, quando mostrava o seu corpo nú, em casa dum medico londrino, exhibia aos olhos da mocidade britanica as perfeições das suas formas não imaginava que devia ser embaixatriz e a intima amiga de leito e de conjuras da rainha de Napoles; é verdade que também o pobre aventureiro Morgan não pensara jamais em possuir o proveito e a fama do mais rico homem do universo e que Mazaniello, tão crente em amuletos, não julgara jamais dever-lhes a subida a capitão aclamado dum povo com o trucidamento a rematar-lhe a carreira.

Ha sortes singulares, extranhas e, ao pensar nesse barco real, procuro as razões porque se havia de ligar o seu nome, embora transformado, ao daquele negociante de figos, passas e empreita, que o via passar sobre as aguas azuis penachando o espaço com seu jumo.

Mas assim foi. Pelo menos o afirmaram os jornais, marcando-o a *Tarde*, nas seguintes linhas.

«—O aviso «Cinco de Outubro» que ha muito fôra destinado aos serviços hidrograficos e frequentemente saía a barra e andava perto das nossas costas em explorações de caracter scientifico vai ser adaptado a «yacht» presidencial.

Já se principiou a fazer obras no elegante barco da marinha de guerra portuguesa, obras que consistem essencialmente em tornar as suas instalações mais confortaveis para não dizermos mais luxuosas. Podiamos até fixar a verba já gasta nessa «amenagement» do «Cinco de Outubro», mas como tal pormenor pouco interessa, por emquanto, para o caso, desistimos de lhe dar guarida.

E' de prever que o novo «yacht» presidencial seja pela primeira vez utilizado na viagem que o Chefe do Estado pensa fazer aos arquipelagos madeirense e açoriano.»

Já viram como o acreditado comerciante, sr. Manuel Teixeira Gomes, se ligou ao yacht real ou antes o ligou a seu serviço? Não havia fantasia por mais árabe, que pudesse viajar para tão magico horisonte numa democracia onde falham as verbas precisas para compra de uma canhoneira que impeça as constantes visitas das traineiras hespanholas ás nossas aguas.

E' certo, porém, que este óbice não preocupa muito quem, sem indicações de qualquer especie, fôra das vontades dos partidarios democraticos, foi guindado à suprema magistratura.

Com um criterio de negociante que não quere perder, conhecedor das amargas horas passadas por Manuel de Arriaga em Belem, falho de dinheiro, de Sidonio, que se empenhou, de Antonio José de Almeida a quem sucedeu o mesmo, não sucedendo o mesmo ao dr. Bernardino Machado, porque é riquissimo, com um senso de sócio de comandita,

deitando o seu balanço não foi como um idealista que aceitou o cargo mas como a fechar uma transação. Exigiu um ordenado pingue, automoveis e agora que se transformasse o yacht real para seu regalo.

Naturalmente os ministros devem ter-lhe explicado as miserias do tesouro mas para isso, para ter o seu barco, o presidente não hesita em oferecer os remedios.

São os seguintes, como os transmitiu ao orbe, o representante da *United Press* conforme os escutou da bôca do chefe da republica.

**< — V. ex.ª falou ha pouco da actualisação dos impostos...  
— E' indispensavel que ele seja promulgado. Calculando a libra ao par, o Estado, apesar do enorme aumento da riqueza particular, cobra, comparativamente a 1914, 56,0% de impostos e ganha 65% >**

Não foi habil o jornalista. Eu ter-lhe-ia perguntado onde tem a sua fortuna, porque não a retira dos Bancos de Londres afim de correr aqui os ricos e recair sobre ela o imposto, ter-lhe-ia perguntado porque não reduz a metade o seu ordenado, e, sobretudo, a razão da exigencia dos arranjos nesse yacht. Na verba de 65%, que o estado gasta quando cobra 56%, está metida a despesa das suas exhibições rajahescas dum antigo negociante de ceiras de figos,

O que este país atura é incompreensivel. Sinistra é a calada dos que devem clamar. Eu aponto os factos agora e se o acaso, um destino, com o qual não me atrevo a sonhar, me tornasse, amanhã, o arbitro, como faria pagar caro o crime de tanto luxo mais aos cumplices de que a quem exige semelhantes prodigalidades numa demagogia arruinada.

O barco já não é o yacht *Amelia*; agora chama-se *Cinco de Outubro* e é aviso!...

Pois apesar de tal qualidade quem vive sibariticamente em Belem não desiste de o utilizar como um regalo. Oxalá que o destino, desta vez, lhe permita uma viagem, com fundeadouro em Gibraltar, à espera dum transporte para Inglaterra.

## O Folar do sr. dr. Afonso Costa

A influencia da tradição ou quê? — O que velu  
fazer a Lisboa, o auctor da lei da Separação—  
Como se pode pensar sentimentalmente — O  
acordar das reflexões — Os padrinhos e os afi-  
lhados

Um fervoroso catolico das minhas relações demonstrava-me, diante da multidão que encheu as egrejas, na Semana Santa, não ser possivel arrancar das almas a legenda do Cristo com a qual fomos creados. É um culto de seculos e mesmo sem quererem, até os mais indifferentes, guardam recordações, desses dias, de infancia.

Isto dizia ele a proposito da vinda do sr. dr. Afonso Costa, na epoca das ferias religiosas, a passar a Pascoa com a familia.

Imaginava, então, o serrenho que ele foi, calcurriando a estrada de Ceia a ir pedir o folar ao padrinho. Como se sabe — após aquele abandono num cantinho da viloria, por uma noite gelida — o pequenito foi recolhido, aquecido e batisado com o nome de Afonso Maria de Ligorio, em memoria do santo que prèsiuiu ao seu encontro. Mas isso são contos velhos que demonstram ser aproximadamente certa a legenda dos que nascem num fole. Mas o meu amigo devaneava, enchia a alma do garotete beirão dessas recordações, via-o, mais tarde, estudante, correndo lépido a ir passar as festas na aldeia e depois de doutor aproveitando a Semana Santa para socegar, e fazendo o mesmo quando ministro, isto apesar de ser o autor da Lei da Separação.

Agora não pode resistir à tradição de se encontrar, pela Pascoa, no seio de sua familia. Dizia isto e sentia-se consolado.

É que mesmo os ateus não fogem à influencia secular deste periodo em que Jesus sofreu e morreu para ressuscitar enquanto as flôres desabrocham e as aves cantam festejando a Pascoa dos perfumes e dos ninhos.

Enternecidamente o homem falava; eu ia concordando e ligando as cousas, antevendo como uma exhibição destinada a agradar ao povo aquella tradução, pouco cuidada e réles, em seu relatorio, da lei contra a Egreja

E sem querer entrevia um outro dr. Afonso, tolerante e supersticioso, fazendo tudo aquilo por vaidade ou por interesse mas acochando-se num grande terror á menor dôr de cabeça na qual via um castigo da Providencia.

E, passada esta barreira, não me custava — eu tenho certa imaginação que me vem da algarvia costela materna — seguir o meu amigo até à evocação do sentimentalismo que conduzia o arbitro deste país para o lar nas horas repousadas da Semana Santa.

Então, contei, com certo desejo de ser justo, que na tarde de 8 de dezembro, como ao chegar à rua Duque de Palmela e visinhanças julguei que os revolucionarios tinham atacado um templo aldeão porque todos os individuos que topava traziam em suas mãos, oleografias berrentes, mal feitas, nas quaes sangravam Sagrados Corações e caíam lagrimas pelos rostos esmaecidos de Santos. Quando interroguei as gentes disseram-me que traziam tudo aquilo da casa do caudilho a cujo assalto ninguem se pudera opôr.

As ordens foram dadas para não se tirar nada daquela residencia, mas difficilmente largavam as imagens os que lhes tinham deitado as mãos sujas, rapinantes, vís. Distribuíram-se, ainda, algumas coronhadas e quando o edificio ficou isolado dos bandos, que veem à tona em todas as revoltas, caí em meditação acerca daquela grande quantidade de estampas religiosas existentes em casa tão profana.

Porque guardaria dentro de suas paredes, talvez em seus oratorios e altares, aqueles santos extranhos, aldeãos, ordinariamente litografados e que nos admiravam em sua grosseira reprodução? E enquanto os officiais inventavam que talvez fossem de lote de algum convento trasladado para aquele edificio, nas horas tragicas da revolução, em que se caçaram padres, eu abanava a cabeça e imaginava que vivia nesse lar alguém de crença religiosa a quem o inimigo da religião não se atrevia a negar aquele lenitivo, e mais vontade tive de fazer com que passassem, de novo, a essas candidas e ingenuas mãos que se erguiam para orar, áquelas figuras tão mal reproduzidas.

Sorriam-se à minha volta ao ouvir-se-me dizer isto e quando o tempo rolou e recordei os discursos feros do doutor contra a religião encolhi os ombros, envergonhado pelo meu acesso de ternura daquele dia, e pensei que se ele assim procedia, se declarava a guerra aos dogmas, se recebia as ordens da Maçonaria, como cavalheiro *Kodasck*, e consentia, à sua beira, quem mergulhasse na religião era porque, hypocritamente, mentia aos correligionarios e aos seus sentimentos.

No fundo ficara sempre um burguês agarrado ás comesainas pasções, com a alegria de vêr toda a gente do seu lar, feliz, bebendo a sua taça de champagne em recordação dum ente que passara no mundo a sofrer as maldades dos homens e o qual a Igreja justamente apresenta

como o maior exemplo de carinho, de bondade, de amor pelos humildes. Guardava nessas festas a compostura dum homem satisfeito e quando por acaso, lhe recordavam essas distancias tão fundas entre as leis que fazia e os festejos realizados, a dentro das suas portas, concordava não ser possível arrancar de vez os sentimentos a que chamava preconceitos e, finalmente, aos quaes cedia como qualquer irmão do Senhor dos Passos.

Vêr o autor da lei da Separação a passar, enternecidamente, a Pascoa com a familia, a desembarcar em Lisboa, na Semana Santa, para se encontrar com os seus, tem um significado que deve irritar profundamente os seus correligionarios!

Era isto o que pensava o meu amigo sem se atrevêr a dizê-lo ás claras. Bababa-se de jubilo e de consolo, enchia-se de alegria e de certezas agradaveis a seu coração.

Não havia duvida; o proprio ateu, o Anti-Cristo, difficilmente resistia à legenda dos seculos, à poesia da semana da tragedia de Jesus.

— Vê... vê... como é impossivel fugir à tradição? Até ele, que queria destruir o catolicismo em três gerações...

— Meu amigo — volvi, porque muito refletira ao ouvi-lo — o sr. dr. Afonso Costa não veio por esses consolos espirituaes, não...

— Mas, então, a quê?

— Pelo foliar que ha de receber da Companhia dos Tabacos. Tudo mudou no mundo. Antigamente, quando o doutor não passava dum pequenino serrenho, eram os padrinhos que presenteavam os afilhados; agora são estes que dão os folares dos seus poderosos padrinhos.

# Dae uma esmolinha para os bichos do Jardim Zoologico

A falta de caridade e os novos ricos — A esmola para os homens e para os brutos — A decadencia do bem fazer — A sorte dos que tem fomes e sedes — A vida das bestas.

Eis um extracto dos jornais que merece seu comentario:

## A ALIMENTAÇÃO DOS CARNIVOROS

«O Jardim Zoologico está lutando com dificuldades para poder alimentar a sua collecção de carnivoros, devido á escassez de equideos, em condições de poderem satisfazer a esse fim.

De grande auxilio tem sido, por isso, os donativos que ultimamente tem recebido de cavalos e muares incapazes para serviço, sendo certo que muitas pessoas e entidades, possuidoras de animais dessas especies, deixam de lhes dar, quando incapazes, tal destino, por ignorarem que podem ter tão util aproveitamento.»

Nem os animais do Jardim Zoologico escapam á tortura que afflige os homens. Dentro de suas jaulas, sofrem de necessidades de principes russos exilados, e desde o leão, em sua realza classica, até ao lobo em suas legendas vilaregas, parece que a fome se distribue igualmente. Em Paris, durante a guerra, foram abatidos os camelos do Jardim das Plantas por falta de verba á sua alimentação destinada; os animais do celebre Hagenbake da Alemanha percorrem o mundo, com seus domadores, em *tournee* de representações de aristocraticos decaidos. Parece até que nem por isso comem melhor pois que ha dias, em Hespanha, uma das feras se arremessou sobre o homem que a domesticara para a pista, mas que não lhe dava, talvez, sufficiente ração.

Mas porque será esta falta de assistencia dos homens para com os animais de seu regalo, para com os bichos que os divertem e servem para ensinar a seus filhos a Historia Natural? E' exactamente porque também não a ha de homem para homem e quanto mais miserias existem maiores egoismos se notam. Antigamente sustentavam-se as Cozinhas Economicas, Asilos, Casas de Caridade, aguentavam-se as Misericordias,

e jamais fôra necessario andar de porta em porta a esmolar. Os velhinhos invalidos encontravam abrigos e se alguem mendigava para fazer semelhante caridade eram algumas irmãsitas dos pobres, recolhendo, ao levantar dos mercados, os restos, quasi sem valor, do que escapára á voracidade da capital. Hoje não se ouve mais do que brados sentidos, do que apelos ao cuidado para com os orfãos, para com os cegos, para com os pequenitos, para com os anciãos, para com os mutilados, para com os trabalhadores invalidados e, agora, para com os bichos do Jardim Zoologico.

Morreu a assistencia com a subida ao trono do milhão dos novos-ricos, batalhadores por seu unico proveito, sem fé na religião que ensina a dar aos pobres e a socorrer os indigentes bolas de feroz egoismo, capitães do saque e do gôso, miseraveis que encheram o mundo e ficam surdos ás miserlas, enquanto elas não lhes arrombarem as portas dos palacios.

Ora, quando êles procedem assim, em relação aos seus irmãos de fórma, o que decidirão ante aquella supplica a favor dos bichos bravios?

Num encolhimento de hombros, com os seus modos utilitarios, raciocinarão:

— «Para que daremos de comer aos ursos? Eles, antigamente, até faziam habilidades para sustentar os homens! E a respeito de comida toda a gente sabe quaes eram os *menus* que se lhes distribuia...»

Começam a engendrar, sem duvida, uma grande combinação de que possam tirar proventos de vulto, como seja a exhibição das feras no mosteiro da Batalha ou no *Quod Vadis*, representado no Campo Pequeno, com o sr. Norton de Matos de purpura de imperador romano, a ametista no olho, a voltar o polegar para perdoar aos bons gladiadores que seriam todos que teem fomes e sedes de pão e de agua e sobretudo os que teem fome e sede de justiça, a qual consiste em lançar a essas feras esfaimadas aqueles que aos proprios homens, inutilizados no labor, negam o socorro.

Como isto tambem constitue espectáculo fóra da moda devem submeter-se-lhe ainda os que de suas desventuras desfalecem e quando isso succede aos seres racionaes, escusa a direcção do Jardim Zoologico de solicitar a dadiva dos equideos mortos para alimento dos enjaulados de categoria na sua escala animal.

Dificilmente se lhes enviará um desses cadaveres; a ganancia manda-os para o guano, como ordena que se vendam aos ferro velhos as botas em mau estado em vez de as distribuirem aos asilados. Não apanhão no Jardim nem um só dos equideos a que se referem, e enquanto aos outros ainda menos, porque, nesta sociedade, a maioria das bestas não morre; vive á custa dos que as deviam montar.

## O estado do "Lusitanicus"

O que penso sobre Angola — O Brasil e o separatismo — Idéas do alto commissario — Diante duma fotografia — A psicologia dum estado

Se houvesse a menor duvida àcêrca das tendencias separatistas que o senhor general Norton de Matos alimenta, em relação a Angola, elas desapareceriam ante a declaração feita, pelo sr. Augusto Ferreira de Sá, àcêrca de ser da autoria do alto commissario o artigo, assinado *Lusitanicus*, e no qual asseverava qua se a monarquia se implantasse, aquella provincia se tornaria autonoma.

Eu não tenho illusões àcêrca das possessões portuguezas, sobretudo depois de ter lido um formoso artigo de D. Veva de Lima, relativo à penetração americana em Angola atráz do petroleo, como se deslissasse sobre azeite, de saber o que sei àcêrca de certo emprestimo e de conhecer os nomes dum socio portugûês das minas de diamantes. Não sou destes patriotas esturrados que desejam — como os de 1820 — a liberdade em sua casa e a tirania imposta na dos seus parentes. Quando descrevi, na *Independencia do Brasil*, o trabalho atentatorio da dignidade do povo de alem-mar, feita pelos dirigentes da nação, pelos que se diziam liberaes, só a muito custo não troquei a pena que uso ao escrever a historia pela caneta zurzidora do panfletario. Não ha direito de se deter a marcha dum homem ou dum povo para a sua emancipação, note-se que digo libertação, por si proprios e não trató do que capitúlo de repugnante entrega às vontades alheias. Emancipar é amar a sua autonomia, governar-se com individuos da sua raça ou adaptados aos interesses do territorio. Foi o que fez o Brasil, apesar das hesitações iniciais de Dom Pedro e — digo-o sinceramente — fê-lo muito bem. País rico, enorme, cheio de futuro, ancioso de liberdade, êle não podia viver à vontade de três duzias de advogados que, numas Côrtes, parodiantes da Assembléa Nacional Francesa, lhe jogavam insultos. O Bragança prestava-lhe um grande, um inestimavel serviço. Sendo um soldado, e tomando a sério o

seu caminho, ao cabo das ilusões metropolitanas, não deixou desagregar as províncias e esse emporio maravilhoso, com seus estados unidos, federados, deve-se ao scetro dos imperadores.

Como se vê, falo sem paixão dos movimentos logicos dos povos que chegam ao seu estado de maturação.

Ao que não posso, porém, ser indiferente é à declaração de que Angola, por uma simples mudança de regimen, tornar-se-ia independente.

Quem afirma isto? Um homem que assina *Lusitanicus*, o que quer dizer, no seu barbarismo, um habitante da Lusitania, um avoengo dos portuguezes da descoberta e da conquista, bem natural de Portugal. E a quem o diz? Aos ingleses, nas paginas do *African Word*. Mas esse *Lusitanicus* é o pseudonimo de qualquer jacobinote, dêstes que preferem saber a metropole nas mãos estrangeiras do que a monarquia restaurada? Não.

Tal designação envolve um general do exercito português; um antigo conspirador monarchico tornado um corifeu do regimen. Peor, ainda. *Lusitanicus* é o alto commissario da republica; é aquele a quem se entregaram os destinos da colonia; *Lusitanicus*, o da defecção, é o organisador da leva da morte para a França, é um descendente de ingleses, é o que deixou o ultramar desamparado, quando ministro da guerra, afim de servir aos aliados, dele, a carne dos minhotos, dos transmontanos, dos algarvios, dos portuguezes.

Eu estava na Camara dos Deputados quando esse militar repeliu a autoria das palavras escritas no orgão britânico, na Africa, referentes à declaração da independencia de Angola, no caso da proclamação da monarchia, e, declaro-o, julguei-o sincero, apesar de possuir grandes dados sobre a sua psicologia. Pois podia lá pensar que um official português seria capaz de escrever aquilo?! Para demais esse sr. Norton de Matos não queria muito mal à realeza em 1911. Conspirou, até, para que ela voltasse. Não; apesar de ser muito amigo de Cunha Leal, julguei errado aquele seu golpe.

Constituiria tal pensamento emancipador, por semelhante processo, um crime de alta traição premeditado.

Se o sr. alto commissario, cuja fama de guerreiro se cifra em ter mandado marchar os outros, declarasse que, ao contrario do que fez em 5 de dezembro de 1918, se bateria nas ruas contra a tentativa de restauração que se fizesse, pensaria, não nas suas tendencias democraticas, não na sua fé republicana — porque a não tem — mas que desejava defender os seus interesses, imaginando, erradamente, que os vencedores o fusilariam e por isso preferiria morrer combatendo.

Mas não foi assim que o militar se exprimiu. Profetisou a independencia de Angola se a monarchia triunfasse e, naturalmente, tambem a sua independencia já estará garantidissima, a esse tempo, com os depositos pingues de libras, feitos nos bancos ingleses, e dos quais, generosamente,

Cunha Leal não falou. E existem esses depositos; existem; ha disso provas nas mãos de alguém. O que existe, tambem, agora, é a certeza dum sonho de separatismo na mente do funcionario, ao qual se confiou uma parte do territorio, que é nosso, é do país, e que não deve à republica senão o envio de alguns governadores, nem sempre aceitaveis.

Aqui tenho eu uma fotografia dum deles — que talvez publique em breve — e na qual se define todo um estado mental.

Encostado à parede duma casa, o binoculo pendente do pescoço, cercado por três amigos, entre os quais um tenente de marinha, o prócere com seu chapéu branco na cabeça, de certo dolorida, não se move, abandona-se. O fotografo apanhou-o em flagrante na sua morbidez. Deve estar doente sob a soalheira africana, deve sentir-se cambaleante para se amparar tanto ao muro.

Esse quadro, ainda desconhecido, faz-me pensar que o clima, prostrando assim os homens, lhes altera os sentidos e os leva até ao desamor pela patria nas horas alucinadoras. Seria naquele mesmo estado que *Lusitanicus* escreveu o seu artigo?

Quando publicar a fotografia a que me refiro, os senhores se pronunciarão em definitivo.

## O Secretario da constelação do Carneiro...

O homem de letras e os politicos — Um secretario perpetuo e um perpetuo infeliz — A memoria e suas falhas — Como se chega a ser arbitro duma vida — Biografia curta, poderes compridos

O sobrinho de João Bonança, que moureja por cá, no campo da imprensa, contou, numa carta ao *Dia*, o seguinte em relação a seu tio que foi um dos precusores da republica, um companheiro da propaganda dos idealistas e ficou sempre ligado à sua grande fé.

«Li em *O Dia* de 15 o artigo que se refere aos ultimos dias e funeral de meu presado tio. Muito grato fico a esse punhado de verdades, tanto mais que ellas veem de um campo adversario ao do falecido.

Ha apenas uma inexactidão: é no ponto que se refere a uma pensão. O caracter de João Bonança não lhe permittia receber pensões, viéssem elas donde viéssem.

O governo de Sidonio Pais encarregou-o de coligir todas as leis parlamentares, desde as mais remotas Côrtes até nossos dias. Colossal trabalho, começou-o, mas não pôde terminá-lo. Não era uma pensão, era um emprego.

Quizeram tirar-lhe esses magros vintens. Ha tempos, indo o velho republicano receber o seu ordenado, foi-lhe declarado que o sr. dr. Balthasar Teixeira lhe tinha mandado cortar o subsidio. Procurando immediatamente este senhor, ao fundador do primeiro jornal republicano do paiz disse o sr. Teixeira: — Eu não o conheço! — Pois devia conhecer, retorquiu meu tio. «Pelo meu passado, pela minha intelligencia e pela minha obra. Mas não faz mal. Podem V. Ex.<sup>as</sup> continuar comendo á custa duma Republica para a qual lancei as primeiras bases, que quando não tiver que comer e não possa trabalhar, tenho um palacio, com cama, meza,

roupa lavada e um fardamento por ano, em Santo Antonio dos Capuchos.»

Foi esta resposta que lhe valeu ter sido novamente dada ordem para lhe serem pagos os seus vencimentos.

Esta é que é a verdade do que se passou.

Sou de V., etc.

Mario Bonança»

Baltasar Teixeira!

Quando passar esta epoca de mediocracia, quem conhecerá este nome?

Procurá-lo-ha o historiador?

—Para quê? Só se fôr para averiguar das origens dum homem da republica, que falou daquella modo ao desditoso escritor que se via obrigado a ir fazer as suas comprasitas minguidas, como um vulgar individuo reduzido a semi-miseria.

Assim como quasi se desconhecem os nomes dos ministros que dirigiam o país nas epocas em que vivia Camões, se quasi ignora quem eram alguns dos titulares das pastas durante o periodo constitucional, do mesmo modo haverá trevas em relação ao arbitro da sorte de um escritor que figurará na Historia Literaria com òs seus livros valiosos.

Como eu acredito que no futuro se lerão algumas das paginas dèste panfleto, quero desde já poupar trabalho ao investigador interessado em conhecer de quem dependia a sorte dos homens de letras inválidos, no ano XV da republica portuguesa, data que consta do auto errado dos soldados desconhecidos da Batalha.

Procurei; dei que fazer ao meu pobre cerebro, tão atormentado por milhares de labutas, desejei saber quais os trabalhos importantes do meu contemporaneo, em cujas mãos se entregava a vida dum homem illustre e, por mais que rovesse, não encontrava.

Que diabo! Baltasar? Percorri todos as minhas lembranças e, desde o babilonio do festim até ao cavalo da *Debâcle*, não encontrei algum que se chamasse tambem Teixeira.

Mas quem seria?

Por vezes os jornais, geralmente em tom ironico, referindo-se a um secretario perpetuo da mesa do Parlamento, inserem este nome. Eu, porém, achava pequena categoria, tão simples o cargo para determinar da existencia dum escritor que assinára a *Historia da Lusitania e da Iberia*. Todavia, não existia outro, e, como João Bonança fôra empregado no Congresso por Machado Santos, colocado nessa casa suspeita á falta de vaga numa biblioteca erudita, com meus habitos rebuscadores, calculei que devia ser tambem deputado quem assim ignorava o nome das illustrações do seu país. Mandeir vir uma lista e entre os Patos, os Carneiros

e os Coelhoos, que são a parte nutritiva da Camara, e a sua sobremesa os Pereiras e os Camoesas, lá topei aquele Baltasar, predestinado organisador dêsse festim desde 1911. Figura no livro *As Constituintes e os seus Deputados*, com os seguintes apelidos, categorias e feitos, a pag. 242:

«BALTASAR DE ALMEIDA TEIXEIRA  
DEPUTADO PELO CÍRCULO N.º 40, PORTALEGRE

*Professor e advogado.* — É natural de Leiria. Bacharel em direito pela Universidade de Coimbra. Foi despachado professor efectivo dos liceus (2.º grupo), precedendo concurso, em 1901 e tem já exercido o magisterio nos liceus de Coimbra (quando ainda estudante na Universidade) e em Lamego, Beja e Portalegre tendo sido despachado para esta ultima cidade onde tambem exerce advocacia, por decreto de 10 de Janeiro de 1906.

Foi eleito primeiro secretario da Mesa da Assembleia Nacional Constituinte, cargo para o qual os seus colegas lhe reconheceram tal competencia e zêlo que, constituida a primeira Camara dos Deputados da Republica, novamente o elegeram para o cargo de primeiro secretario da Mesa.»

E nada mais consta dos autos, nem a idade nem obras nem acções, fôra daquela de secretariar desde 1911 até hoje.

Só não fez sua tarefa durante o periodo sidonista, no qual João Bonança recolheu da republica uma paga infima de seus serviços e o arbitro da sua vida — o sr. Baltasar Teixeira — recolheu ao liceu, sem incomodo de maior.

Levava já tantos anos de secretariar que lhe fazia muita falta a ladainha dos nomes saindo de sua boca por entre a barbicha — o retrato que acompanha a curta biografia, de tal adorno o enfeitá —, a acta remoida para fazer horas, os *trucs* daquele encargo, o cheiro a rapozinho, papeis velhos e farinha falsificada que reina no recinto e que se pode cognominar: o odor legislativo.

Julgo que não conspirou para regressar a sua cadeira, que o ia fazendo morrer de penas, mas voltou e, com tal ferocidade contra quem o tinha apartado dos seus habitos de secretario, de seu vicio de resmungão das leituras, que devia ter nesse momento os flatos duma velha a quem recusam o seu rapé,

Havia no Parlamento um unico empregado que os apeadores do sr. Teixeira tinham nomeado. Chamava-se João Bonança, fôra um rude batalhador pela republica, que lhe pagára, pela mão do seu fundador, com um misero emprêgo, mas esse homem escrevera uma notavel obra literaria e o seu nome devia ser do dominio dum individuo que é profes-

sor liceal e advogado. Ao ouvir-lhe as censuras, ante o córte do seu ordenado, da pequena quantia com que comprava o seu pão de velho, o secretario eterno, exclamava:

— Mas eu não o conheço!

Quere dizer: Você pode ser muito celebre, mas não é do nosso tempo; é um antepassado que adieru ao Sidonio; você não é da grei!... «Eu não o conheço», dito daquele modo, era sinal da colera de vêr na sua frente um dos que recebera uma pequena reparação, por seu valor, das mãos honradas que sustentaram a espada da Rotunda, sem a qual aquela maquina de remoer actas não teria jámais exhibido tais habilidades no Parlamento.

E lembrar-me eu que este homem deve saber de cór os nomes e os apelidos de todos os legisladores e ignorava o de João Bonança! Está nisto o seu pecado, naquilo, o seu valor que naturalmente, ao morrer, lhe garantirá, nos espaços, o logar de secretario de Aries — a celebre constelação do Carneiro — que sempre é o bicho das eleições. Será uma especie de continuidade no Alem das suas funções terrestres. Apenas sentirá uma diferença: a da falta das batatas no infinito.